

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA X MEMORIZAÇÃO
A CONTRIBUIÇÃO DO CURSO PRÁTICA DE LETRAMENTO E
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO 2º ANO DA PRIMEIRA FASE DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Lucimara Cristina Borges da Silva¹ (SEMED)

Kátia Cilene Camargo Silva² (CEFOPE)

Resumo

O presente trabalho vem relatar um estudo de caso no qual a reflexão fonológica foi ponto de partida para o avanço no processo ensino aprendizagem dos alunos. A abordagem é feita através do tema Consciência Fonológica X Memorização. Justifica-se pela permanência de alunos por mais de dois anos em uma mesma série, causando assim a distorção idade-série. O objetivo é propor reflexões tanto aos alunos como ao professor sobre como melhorar o desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem. No quadro teórico Soares, Cagliari e Moraes dentre outros, abordando o que é e como pode ser a reflexão fonológica e letramento. Na primeira seção um breve estudo dos métodos e técnicas utilizadas no decorrer dos últimos séculos no Brasil, seguindo-se por uma abordagem sobre a reflexão fonológica, a apresentação do objeto de pesquisa, as intervenções feitas e os resultados alcançados.

Palavras-chave: reflexão fonológica - letramento

Abstract

The present study addresses a case study in which the phonologic awareness was the starting point for the development of the students' learning process. The approach is done through Phonological Consciousness X Memorizing. It is justified by students who stay for more than

¹ Pós - graduada em Gestão Educacional - Universidade Salgado Oliveira - RJ; Professora da Rede Municipal de Ensino de Anápolis, GO. Email: cristinaborgessp2006@yahoo.com.br

² Mestra em Gestão do Patrimônio Cultural-PUC-GO; especialista em Supervisão e Administração Escolar-FFBS;Tecnologias em Educação –PUC-Rio; Pedagoga FFBS; Professora formadora do Centro de Formação de Profissionais em Educação; Anápolis, GO. Email: kccs67@hotmail.com.

two years in the same school grade, which causes an age-grade inaccuracy. The goal is to suggest reflection to students as well as to teachers about how to improve the development in the teaching-learning process. The theory is based on Soares, Cagliari and Morais, among others, arguing what the phonological awareness and the literacy acquisition are and how they could be. The first section brings a brief study of the methods and techniques used in Brazil in the last centuries, followed by a reflection on the phonological awareness, the presentation of the object of the research, interventions made and the results achieved.

Key words: phonological awareness; literacy acquisition.

1 Introdução

O presente artigo científico vem relatar um estudo de caso realizado em uma sala de 2º ano da primeira fase do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Anápolis. O estudo teve como justificativa a permanência de alunos por mais de dois anos em uma mesma série sem avanços identificados para aprovação causando assim a distorção idade-série. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida segundo uma abordagem qualitativa, a qual tem como cerne propor reflexões tanto aos alunos como ao professor de modo que essas permitam melhorar o desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem, além de perceber no decorrer do processo de alfabetização em quais momentos é necessária a aplicação de intervenções, tanto nos planos de aula como em sua prática, podendo resultar em um processo de alfabetização e letramento mais satisfatório.

Segundo o jornal O Globo, as pesquisas realizadas em 2011 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa (IBGE) divulgadas em 21 de setembro de 2012, aponta que 12,9 milhões de brasileiros com mais de 15 anos de idade não sabem ler nem escrever, e que a região Nordeste concentra 6,8 milhões de pessoas que se encontram analfabetas, quase o dobro da média nacional. “De acordo com estudo, o índice de analfabetismo caiu 1,1 ponto percentual em 2011 em relação à pesquisa anterior, feita em 2009, e na região Centro-Oeste, a taxa foi de 6,3%.” A taxa de analfabetismo funcional foi estimada em 20,4%, um pequeno aumento em relação a 2009, quando o índice foi de 20,3%. Em 2011, foram contabilizados, entre as pessoas de 15 anos ou mais, 30,5 milhões de analfabetos funcionais no país.

O IBGE aponta como analfabetos funcionais pessoas com mais de 15 anos de idade e menos de quatro anos de estudo, ao ponto que os especialistas classificam este grupo como pessoas que sabem ler e escrever, mas não entendem aquilo que leem.

Nos últimos anos vem se acentuando estudos e pesquisas que tem como foco não só compreender como se dá o processo de alfabetização, mas também de questionar quando é possível considerar um indivíduo alfabetizado, nesse contexto surge o termo letramento o qual caracteriza como letrado o indivíduo que consegue fazer um uso social da prática de leitura e escrita e não apenas codificar e decodificar símbolos. Nesse parecer poderíamos entender que nem todos os alfabetizados são de fato letrados então classificados como analfabetos funcionais.

Como avançar crianças no processo de alfabetização e letramento tem sido objeto de pesquisa nas últimas décadas, e o município de Anápolis tem mantido um grande investimento no processo de formação profissional continuada de seus professores alfabetizadores. A cerca de três anos através do Centro de Formação de Profissionais em Educação (CEFOPE), a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), oferece o curso de Prática de Letramento e Processo de Alfabetização. O curso oferece momentos de reflexão aos professores com embasamentos teóricos e análise de suas práticas resultando em uma reflexão-ação por parte dos mesmos. Situamos nosso estudo de caso nesse contexto, pois por fazer parte do grupo de professores que praticam essa reflexão sobre o processo de alfabetização e letramento comecei a perceber a necessidade de trazer novas propostas de intervenções a fim de promover avanços nesse processo e assim consequentemente contribuir para a baixa do índice de analfabetismo no Brasil.

Um dos temas abordados durante os estudos feitos no decorrer do curso, foi a reflexão fonológica e a contribuição que essa pode ter no processo de letramento da criança e/ou educando em processo de alfabetização.

No decorrer desse estudo traremos um pouco do contexto histórico pelo qual o país passou nos últimos séculos com relação a métodos e técnicas utilizadas para o processo de alfabetização, a inserção de conceitos novos na pedagogia como letramento e reflexão fonológica, com as visões teóricas de Magda Soares e Artur G. de Moraes dentre outros. Assim como situar o objeto de estudo, as intervenções feitas e os resultados alcançados.

2 Situando métodos e técnicas de ensino ao longo da educação no Brasil

Pode-se considerar que a história da educação no Brasil inicia-se com a chegada do primeiro grupo de jesuítas portugueses em 1549 com o processo de inserção do Brasil ao mundo ocidental envolvendo três aspectos segundo Saviane (2004), “a colonização, a educação e a catequese”.

A colonização e a educação instaurada durante esse processo tratava-se de uma aculturação, nesse sentido a proposta na educação estaria pautada somente em promover uma mudança na cultura já existente sob a influência de outra cultura no caso a cultura portuguesa. Durante esse período as ideias pedagógicas da época tinham como objetivo a catequese, segundo Saviane (2004) é o que fica claro no Regimento de D. João III instituído em 1549 e que continha as diretrizes a serem seguidas e implantadas pelo primeiro governo-geral. O currículo “iniciava-se com o aprendizado do português e prosseguia com a doutrina cristã, a escola de ler e escrever e, opcionalmente canto orfeônico e música instrumental, culminando de um lado, com o aprendizado profissional e agrícola e gramática latina (...)” (p.126)

Durante todo o período da educação colonial com suas distintas fases, desde o plano de instrução elaborado por Nóbrega, perpassando pelo plano de caráter universalista e elitista e as ideias laicas inspirados no iluminismo até a proclamação da independência em 1822, em nenhum momento deixou de ter as influências religiosas, permitindo por algumas vezes momentos de articulação de outras ideias consideradas por Saviane como a vertente leiga da Pedagogia Tradicional.

Percebe-se que durante esse período de fato não existia nenhuma preocupação com a formação do indivíduo como sujeito do aprendizado como veremos nos séculos subsequentes.

Com a proclamação da independência no Brasil algumas mudanças aconteceram com relação aos objetivos do processo ensino aprendizagem, iniciando-se com a difusão do método monitorial/mútuo, que foi introduzido oficialmente pelo decreto das Escolas de Primeiras Letras, de 15/ 10/ 1827, e a proposta da criação de escolas primárias com a adoção do método lancasteriano como método oficial segundo Bastos (2004 p.34), tal método “consiste no ensino individual em fazer ler, escrever e calcular cada um separadamente, com emprego de meios coercitivos que garante o silêncio”, o ensino está pautado na divisão da escola em classes, sendo que em cada uma o monitor é um aluno com conhecimento superior ao dos outros e esse por sua vez é orientado por um professor, podendo um único professor dirigir uma escola com de quinhentos até mil alunos.

No final do século XVII ainda segundo Bastos (2004), foi introduzido o método simultâneo, que a partir de 1850 generalizou-se nas escolas primárias. Tal método consistia também na divisão dos alunos de maneira mais ou menos homogênea de acordo com seu grau de instrução, sendo que o agente de ensino pauta-se no professor que instrui e dirige de maneira simultânea todos os alunos. Ambos os métodos prevêem um ensino coletivo que é apresentado ao grupo que apenas aprende e reproduz.

Com o início do regime republicano no Brasil no final do século XIX, estabeleceu-se e estabilizou-se o modelo de escolarização como o conhecemos hoje, a escola seriada com normas e técnicas, procedimentos e materiais específicos e assim por diante.

No que tange o cunho pedagógico, que é nosso foco nesse estudo, as propostas variaram e se adequaram de acordo com o contexto sócio - político que o país vivenciou. Assim muitas linhas ou métodos de trabalhos, de acordo com Freitas (2005), foram estabelecidos de acordo com a necessidade da sociedade ou visões que interessavam as diferentes frentes políticas.

Com o passar dos anos e todo histórico da humanidade, os pensadores do mundo todo permearam entre métodos e técnicas que pudessem favorecer o objeto de estudo do processo ensino aprendizagem, ora aluno, ora professor, ora o próprio conhecimento.

Dessa maneira Solé (1998, p. 23), resume todas as tendências em dois grupos, considerando outros autores, ela afirma que um pauta-se em um processo ascendente, sequencial e hierárquico que leva a compreensão do texto partindo das letras para as palavras as frases e o texto, enquanto que o outro atua de forma contrária quando o leitor usa “seu conhecimento prévio e seus recursos cognitivos para estabelecer antecipações sobre o conteúdo do texto”.

Com a chegada do século XXI, vivenciamos um outro objeto de estudo dentro do processo ensino aprendizagem a reflexão fonológica, assim no decorrer da próxima seção abordaremos algumas reflexões sobre o que é, e como pode acontecer a reflexão fonológica nas séries iniciais alfabetizadoras.

3 Refletindo sobre o que é consciência fonológica

A consciência fonológica no processo de alfabetização com crianças segundo Morais (2005, p.73) é de que “uma criança está exercendo um funcionamento que chamamos de metalinguístico, isto é, ela está exercitando uma capacidade humana de reflexão consciente sobre a linguagem”, dessa maneira o aluno faria essa prática todas as vezes que não apenas usasse as palavras para se comunicar, mas também para refletir sobre suas características e peculiaridades como semelhança sonora com outras palavras, sem muito se importar com seu significado.

Para Cagliari (2009, p. 133), “a leitura é uma atividade estritamente linguística e a linguagem se monta com a fusão de significados com significantes”, ele também considera a leitura como um processo de decifração e uma decodificação em que o leitor primeiro decifra

e depois entende a linguagem encontrada, assim não poderíamos dizer que a leitura realmente pode acontecer só pelo significado ou significantes, existe uma realidade linguística que apenas os dois juntos podem oferecer ao leitor.

Quando o aluno faz uso das habilidades metalinguísticas, busca compreender a palavra como um todo, fazendo associações com conhecimentos prévios que o mesmo já tem da língua escrita, da mesma maneira acontece com a reflexão fonológica, buscar semelhanças com sons iniciais ou finais, por exemplo, permite que ele compreenda o uso repetido dos grafemas para a representação também repetida de um fonema.

Todo esse processo de aprendizado da decodificação “pressupõe aprender as correspondências que existem entre os sons da linguagem e os signos ou conjuntos de signos gráficos - as letras e conjuntos de letras - que os representam” de acordo com Solé (1998, p. 52). Poderíamos aqui considerar que tais correspondências passam por um processo de reflexão, e se essa reflexão perpassa grafema, fonema e linguagem, sendo assim tal reflexão podendo ser considerada como uma reflexão fonológica.

De certa forma Maciel (2009, p.24), também concorda que exista uma reflexão fonológica feita pelos alunos durante o processo de leitura quando diz que “a simples memorização das famílias silábicas não é suficiente para levar o aluno a conhecer diferentes valores sonoros representados pelos grafemas”, a autora não descarta de todo a memorização, mas afirma que é apenas um dos componentes do processo de alfabetização, afirmando que ao observar a escrita das palavras e os modos de falar, acontece uma reflexão nessas relações e isso “favorece a ampliação do conhecimento do aluno sobre o caráter representacional e arbitrário da escrita”.

A reflexão fonológica pode acontecer de maneira lúdica, cognitiva, induzida ou natural de acordo com os autores citados, mas o fato é que todos concordam com a necessidade dessa reflexão para que o processo de leitura seja satisfatório ao final do processo ensino aprendizagem.

Para que uma criança possa ser considerada alfabetizada e letrada não basta apenas que saiba codificar e decodificar os símbolos, é necessário que ela faça isso de uma maneira funcional segundo Rios (2009, p. 33) “a alfabetização e letramento são processos que se mesclam e coexistem na experiência de leitura e escrita nas práticas sociais”, consideramos assim que de acordo com as tendências pedagógicas que vivenciamos hoje um indivíduo não pode apenas ser alfabetizado ele necessita ser também letrado para que possa fazer uso social da leitura e escrita.

Magda Soares (2004) relata que nas últimas décadas um conceito novo foi introduzido na linguagem da educação, o letramento. Esse conceito surgiu da necessidade de nomear conceitos e práticas sociais na área da leitura e escrita, considerando que as atividades profissionais estão cada vez mais centradas na dependência da língua escrita.

Letramento é palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da educação e das ciências lingüísticas há pouco mais de duas décadas; seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização... que efetivamente ampliassem o significado de alfabetização, alfabetizar, alfabetizado é que pode justificar o surgimento da palavra letramento, conseqüência da necessidade de destacar e claramente configurar, nomeando-os, comportamentos e práticas de uso do sistema de escrita, em situações sociais em que a leitura e/ou a escrita estejam envolvidas. (SOARES 2004)

A alfabetização se constitui não só em um processo de codificação e decodificação, mas também um processo de compreensão e expressão de significados por meio do código escrito, para isso faz-se necessário que o aprendiz esteja em constante reflexão do conjunto dos códigos que compõem o sistema de escrita e linguagem, pois o objetivo é a apreensão e compreensão do mundo. Esse processo não é tão simples como muitos esperam ou acreditam é um processo complexo e objeto de várias ciências.

Contudo na medida em que o professor torna-se um pesquisador, os caminhos pelos quais ele percorre o processo ensino aprendizagem juntamente com seus alunos justificam-se pelos fins.

4 Apresentação do objeto de estudo - a turma do 2º ano

Em relação à pesquisa feita, tiveram-se como sujeitos os alunos de um segundo ano de uma escola municipal da cidade de Anápolis, os quais fui professora regente durante o ano de 2011.

Ao iniciar o ano letivo os professores foram orientados para que fizessem um diagnóstico de leitura e escrita com os alunos a fim de identificarem em qual nível do processo de alfabetização cada um deles se encontrava. Ao término da aplicação do diagnóstico constatei resultados os quais considerei alarmantes, de acordo com o padrão estabelecido pela rede municipal de ensino de Anápolis de acordo com a linha de trabalho pedagógico adotada, para considerar um aluno alfabetizado.

A turma era composta no início por vinte e sete alunos entre sete e treze anos de idade, com estatura variando de um metro até um metro e sessenta centímetros, desse total nove eram meninas e o restante meninos, todos filhos de classe trabalhadora moradores nas proximidades da escola considerada zona periférica. Oito alunos eram repetentes e desses apenas um sabia ler. Um aluno havia sido considerado dislexo e hiperativo e tinha um laudo de avaliação psicológica e neurológica, outro não falava coisa alguma e demonstrava também não entender o que falávamos.

Na primeira semana meus sentimentos transformaram-se em um misto de medo e desafio, visto que se tratava de uma turma completamente heterogênea. Iniciamos assim um levantamento mais aprofundado da turma, constatando que dos alunos que haviam sido promovidos do primeiro ano apenas seis alunos sabiam ler e escrever palavras simples, ou seja, eu me deparei com uma turma de segundo ano a qual continha vinte alunos completamente desprovidos das habilidades necessárias para serem considerados leitores e produtores de textos simples, as habilidades as quais me refiro aqui fazem parte da Provinha Brasil³.

Das habilidades que os alunos eram desprovidos poderíamos citar: diferenciação de letras de outros sinais gráficos, como os números, sinais de pontuação ou de outros sistemas de representação; identificação das letras do alfabeto; distinção de diferentes tipos de letras; reconhecimento de palavras como unidades gráficas; identificação de som/fonema; reconhecimento da ordem alfabética; escrever palavras ou frase ou textos; localizar informações em textos; antecipar assuntos a partir de título lido, identificar a finalidade do texto do gênero e das características gráficas.

Durante as primeiras semanas a maior parte do tempo em sala era destinado a separação de brigas, e socorro a crianças machucadas, além de tentativas inúteis para despertar o interesse dos alunos repetentes e assim esperar que conseqüentemente parassem de andar, brincar ou agredir os menores.

Muitos problemas foram enfrentados no decorrer das aulas, as agressões sempre se iniciavam com desaforos, mas em questão de segundos sempre havia crianças rolando no chão entre socos e pontapés, as atividades tinham que ser totalmente diferenciadas de acordo

³ A Provinha Brasil é uma avaliação diagnóstica do nível de alfabetização das crianças matriculadas no segundo ano de escolarização das escolas públicas brasileiras. Essa avaliação acontece em duas etapas, uma no início e a outra ao término do ano letivo. A aplicação em períodos distintos possibilita aos professores e gestores educacionais a realização de um diagnóstico mais preciso que permite conhecer o que foi agregado na aprendizagem das crianças, em termos de habilidades de leitura dentro do período avaliado.

com as hipóteses de leitura e escrita de cada aluno, essas hipóteses são baseadas no estudo de Emilia Ferreiro, a Psicogênese da Língua Escrita, e o diagnóstico para identificá-las havia sido feito na primeira semana de aula.

Ao me reportar a coordenação a respeito do aluno que não falava, pois ele era um dos pivores das brigas e não participava de nenhuma atividade, fui informada de que o mesmo havia sido mordido por um cachorro na cabeça e isso havia causado algum tipo de distúrbio, mas que ninguém sabia ao certo o que era, solicitei por inúmeras vezes a presença da mãe na escola, mas foi em vão. Quanto a sala eu estava tentando ajudá-los, mas não sabia o que fazer nem por onde começar, ficava a aula toda propondo individualmente que executassem as atividades e se sentassem ou parassem de gritar.

Nesse contexto iniciei o curso de Prática de Letramento e Alfabetização, no qual o primeiro módulo foi apresentado com muita teoria as quais apenas confirmavam o que eu já sabia, que os alunos que estavam aos meus cuidados não sabiam ler nem escrever e eu não conseguia alcançá-los de maneira objetiva a fim de atenuar essa realidade. De toda maneira eu tinha certeza de que devia fazer algo, pois não poderia permitir que alunos com doze ou treze anos viessem a repetir o ano novamente. Foi quando tomei a decisão de fazer tudo o que fosse possível para ajudar aquelas vinte crianças que não sabiam ler, visto que os demais caminhavam tranquilamente em seu processo ensino aprendizagem.

4.1 Ações, procedimentos e intervenções adotados para o trabalho com a turma

Diante de todo o exposto anteriormente a primeira ação foi implantar um sistema com uma rotina, para que os alunos percebessem tudo o que deveríamos trabalhar naquele dia, além de ajudá-los a organizar o uso do material porque muitos não sabiam sequer onde deveriam escrever no caderno. Passamos a falar sempre no início da aula sobre a proposta estabelecida para fazer o trabalho do dia. A pauta iniciava sempre com uma acolhida, um momento no qual após uma motivação conversávamos sempre ressaltando a importância da escola e a conduta que cada um deveria ter diante do convívio com os outros. Muitas vezes registros das nossas discussões foram feitos, os alunos também passaram a conhecer quais eram os objetivos de cada atividade, era sempre explicado porquê e com que finalidade a atividade foi proposta, eles participaram de momentos de leitura nas suas mais variadas formas.

Durante os momentos em que eu lia os livros literários, percebi que muitos começaram a prestar atenção devido a leitura com entonação e “caras e bocas” imitando a voz dos

personagens. Sempre que era possível ressaltávamos a importância de saber ouvir e falar, o respeito mútuo e outros valores para o convívio em sociedade. Nesse meio tempo aconteceram várias conversas com os alunos em distorção idade-série, sempre individual, procurando ressaltar as qualidades de cada um e solicitando sua ajuda com os mais novos e menores. Finalmente após mais de um mês de aula começávamos a perceber reciprocidade no trabalho tanto do professor com aluno, como aluno com aluno.

Partimos então para trabalhos isolados, em uma sequência de três a quatro dias sempre cada aluno se sentava muito próximo da mesa do professor e a ele era dada toda atenção em suas necessidades pedagógicas, havendo intervenções e esclarecimentos de suas dúvidas durante a execução das atividades.

Foi nesse contexto que iniciou-se uma discussão sobre reflexão fonológica no curso de Prática de Letramento e Alfabetização, aguçando uma percepção de que talvez fosse isso que os alunos em questão necessitavam para conseguir avançar. Segundo Carvalho (2010, p.11), “O bom leitor não se faz por acaso. Muitos são formados na infância (...)”, muitas crianças não tem acesso a um bom material para estimular o seu aprendizado e a escola deve e pode oportunizá-los para que de fato se tornem bons leitores.

Entendendo que a leitura pode contribuir de muitas maneiras para formar indivíduos não apenas alfabetizados, mas também letrados de acordo com Carvalho, passamos a nos empenhar nas sugestões oferecidas pelo livro para avançar os alunos.

Trabalhar com textos diversos com abordagens de um mesmo assunto, ou seja, investir nos gêneros e no repertório passou a fazer parte de nossa rotina, a circulação de material escrito aumentou no decorrer das aulas, de acordo com Carvalho (2010, p.15) “...o repertório e as situações de leitura, tanto das crianças quanto dos jovens e adultos, precisa ser ampliado para conter diversos tipos de textos que circulam intensamente na vida social.”

A partir do momento em que houve interesse por parte dos alunos em ouvir a leitura, muitos se interessaram a aprender a ler, e foi incorporado ao trabalho as duplas de cooperação, nas quais as suas formações eram feitas de acordo com o objetivo de cada atividade procurando sempre respeitar as afinidades pessoais. Muitas outras atividades foram inseridas no cotidiano da turma como: folhear e manusear todo tipo de material com escrita ou ilustrações, sem censura, para que pudessem sentir mais o material; a leitura feita em voz alta agora também com a participação dos alunos leitores aproveitando todos os gêneros como: notícia de jornal impresso e online, cartas, envelopes, bulas, receitas, anúncios, biografias, listas e o que eles mais gostavam as narrativas, todas as propostas foram feitas com o propósito de que os alunos tivessem informações para participar de discussões, pois de acordo

com Carvalho (2010, p.18), “se o processo de discussão e descoberta for incentivado, alguns vão reconhecer letra e palavras, trocar informações com os colegas e ganhar confiança para entrar de vez no mundo da escrita.”

Logo que os alunos despertaram o interesse por aprender demos sequencia nas atividades procurando respeitar a linha de trabalho adotada pela rede de ensino que é o sócio-construtivismo, mas permeando as mais diversas metodologias de trabalho para alcançar o maior número possível de crianças no aprendizado.

A reflexão fonológica sem dúvida participava de todas as aulas, e era feita nas mais diversas formas e contextos. Um grande e chamativo silabário foi fixado na parede, e sempre que os alunos tinham dúvidas eram convidados a pesquisar nele. Ler palavras contando sílabas, identificando primeira e última letra, falando ou identificando graficamente letras e palavras com sons ou escrita semelhantes, além de uma animação e grande incentivo, eram práticas rotineiras.

A engenhoca das palavras foi um instrumento criado no qual os alunos poderiam perceber som e grafema de uma maneira lúdica. O brinquedo possuía uma manivela que girava alguma letra da palavra permitindo que se brincasse com a escrita e na medida em que tentavam ler percebiam a mudança nos sons.

A apresentação de um texto em tamanho bem grande na parede de acordo com o tema do mês, sugeria uma leitura diária às vezes coletivamente, outras apontada, silenciosamente, silabada, individual dentre outras maneiras, e junto um banco de palavras destacadas retiradas do texto e que abordasse uma ortografia em estudo.

Nas atividades escritas a variação também aconteceu, as duplas de cooperação por muitas vezes eram colocadas de maneira em que um aluno alfabético fosse o leitor e também o escritor, em outros momentos os alunos eram agrupados de acordo com a proximidade das hipóteses de leitura e escrita para que um pudesse interagir na dificuldade do outro. O uso do alfabeto móvel era constante, assim como uso de um silabário móvel, e os alunos eram desafiados a produzir textos, frases ou palavras ainda que não os fizesse convencionalmente e depois sempre havia correção coletiva enfatizando os acertos e observando as falhas. Assim as duplas de cooperação se tornaram duplas de apoio e em algumas atividades eles trocavam materiais para correção e discussão.

4.2 Os resultados alcançados

Foi percebido que o interesse dos alunos pelas aulas aumentou muito e consequentemente as brigas diminuíram, no mês de agosto uma audiometria confirmou uma suspeita de surdez com o aluno que não falava e começamos a trabalhar com metas e objetivos diferenciados, além de iniciação do uso de libras com o mesmo. No decorrer do ano dois alunos evadiram-se da escola, e dois foram transferidos. Concluímos a ano com apenas dois alunos que não sabiam ler, e dois que já liam, porém ainda não escreviam de maneira considerada convencional, e todos os outros concluíram o ano alfabetizados, alguns já letrados de acordo com Soares (2004), que relata ser essa uma habilidade que destaca “comportamentos e práticas de uso do sistema de escrita, em situações sociais em que a leitura e/ou a escrita estejam envolvidas.”

O trabalho favoreceu uma iniciativa para o processo de reflexão, ao passar dos dias os próprios alunos passaram a fazer reflexões mesmo sem serem questionados, em momentos diversos utilizavam-se de meios diferenciados para compreensão dos códigos escritos, houve um despertar pela leitura e uma busca pelo entendimento sobre o sistema de escrita perpassando a reflexão fonológica e expandindo-se para outras estruturas da língua escrita como sintática e semântica.

Cagliari (2009, p.25) refere-se a essa reflexão como parte integrante do processo de alfabetização da criança, visto que a mesma ao se iniciar nesse processo “já é um falante capaz de entender a língua portuguesa com desembaraço e precisão”, e para a aquisição e entendimento da língua escrita essa reflexão pode se tornar algo muito lúdico, pois “essa criança não só sabe falar o português, como sabe também refletir sobre a própria língua”. Ele afirma ainda que as crianças costumam criar formas surpreendentes para analisar as palavras, e que também se divertem manipulando a linguagem, o que fazem muito naturalmente até mesmo nos fatos semânticos de alta complexidade, além da análise constante da linguagem oral.

5 Considerações finais

Ao término desta análise, de uma forma geral percebe-se que o grupo referido pode avançar, a partir do momento em que conseguimos fazer as intervenções de acordo e nas dificuldades apresentadas, e que a reflexão fonológica foi utilizada como um meio para alcançar esse fim. Certamente que o processo de alfabetização e letramento exige um professor bem preparado e conhecedor do assunto e do objeto com o qual trabalha, entretanto

esse não seria o critério mais importante para o sucesso do aluno, pois nos relatos feitos o êxito do trabalho se deve a estudos posteriores feitos a partir de um problema diagnosticado.

Cabe destacar que o foco de todos os trabalhos diversificados se pautaram na reflexão fonológica. As aulas propostas puderam diminuir o cansaço ao sujeito da aprendizagem que é apenas uma criança, fato esse que muitas vezes nos esquecemos durante o processo de alfabetização no ensino aprendizagem.

Contudo, um outro fator não pode ser desconsiderado, o ato de planejar. Planejar é certamente uma ação que faz parte de todo nosso cotidiano e das nossas ações, no trabalho docente esse ato exige muito mais do que um simples roteiro para seguir, é preciso refletir, analisar, buscar soluções, estruturá-las e organizá-las de modo a fazer diferença na participação e desenvolvimento dos alunos.

Quando revemos nosso planejamento durante uma análise podemos reestruturá-lo, esse é um princípio de pesquisa-ação ou reflexão-ação, segundo Gonçalves (2005) trata-se de uma ação que esteja envolvida com o problema sob observação, assim os pesquisadores desenvolvem um papel ativo na busca pelas soluções, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em razão do problema. Dessa maneira podemos compreender o professor como um pesquisador que está sempre em busca de soluções para aprimorar o seu trabalho.

Desenvolvendo e aperfeiçoando métodos e técnicas, a partir de um replanejamento, as habilidades dos alunos como emissor-codificador e como receptor-decodificador de mensagens, foram favorecidas na utilização e compreensão dos variados códigos verbais, não-verbais e gráficos.

Enfim, a reflexão fonológica deve possibilitar ao educador a interação com o educando na construção do conhecimento, bem como refletir caminhos para que haja uma mudança significativa no processo de escolarização das crianças.

6 Referências bibliográficas

BASTOS, Maria Helena Câmara. *O Ensino Monitorial/Mútuo no Brasil (1827-1854)*. In STEPHANOU, Maria. BASTOS, Maria Helena Camara (org). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. Volume II, p. 34-51.

BELLO, José Luiz de Paiva. *Educação no Brasil: a História das rupturas*. Pedagogia em Foco. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb14.htm>>. Acesso em: 01/11/2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 2009.

CARVALLHO, Marlene. *Guia Prático do Alfabetizador*. São Paulo: Ática, 2010.

FREITAS, Marcos Cezar. *Educação Brasileira: dilemas republicanos nas entrelinhas de seus manifestos*. In STEPHANOU, Maria. BASTOS, Maria Helena Camara (org). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil: século XX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 165-181.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. *Manual de Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: Avercamp, 2005.

IBGE. *Nordeste concentra mais da metade dos analfabetos do país*. Do G1, em São Paulo, disponível em <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/09/nordeste-concentra-mais-da-metade-dos-analfabetos-do-pais-diz-ibge.html>> acesso em 12-10-2012.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; LÚCIO, Iara Silva. *Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática*. In CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; MARTINS, Raquel Márcia Fontes (org). *Alfabetização e letramento na sala de aula*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

MORAIS, Artur Gomes; LEITE, Tânia Maria Rios. *Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos?* In MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; LEAL, Telma Ferraz (org). *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte, MG: Autentica, 2005, p. 71-88. Disponível em: < http://www.ufpe.br/ceel/e-books/Alfabetizacao_Livro.pdf> acesso em 10/11/2012.

RIOS, Zoé; LIBÂNIO, Márcia. *Da escola para casa: Alfabetização*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SAVIANE, Dermeval. *Educação e colonização: as ideias pedagógicas no Brasil*. In STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (org). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil: séculos XVI-XVIII*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. Volume II, p. 121-130.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos*. Revista Pátio n.29 fev/abr 2004

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.